

# Contribuições da perspectiva histórico-cultural de Luria para a pesquisa contemporânea

Marta Kohl de Oliveira

Teresa Cristina Rego

*Universidade de São Paulo*

## Resumo

Este ensaio procura explorar a fecundidade dos postulados de Alexander Romanovich Luria para a pesquisa contemporânea. Especificamente, busca explicitar o vigor das premissas, das ideias e dos procedimentos investigativos adotados em seus estudos sobre os processos mentais em sua relação com a cultura ao longo de quase seis décadas de atividade. As contribuições da abordagem luriiana são ilustradas por meio da apresentação de algumas de suas pesquisas realizadas ao longo do século passado. Foi salientado o caráter promissor dessa abordagem para a investigação do desenvolvimento humano, pois ela permite compreender os fenômenos em sua complexidade, a necessidade de criação de instrumentos e procedimentos de pesquisa capazes de assegurar essa compreensão, assim como o papel ativo do pesquisador na formulação de perguntas e na condução das pesquisas empíricas. A apresentação e análise de traços representativos dos diversos temas explorados pelo autor revelam um pesquisador obstinado em compreender o complexo processo de constituição humana por meio da fecunda combinação de investigações sobre o enraizamento biológico do funcionamento psicológico e sobre a constituição histórica do psiquismo humano.

## Palavras-chave

Luria — Pesquisa qualitativa — Psicologia histórico-cultural — Neuropsicologia — Cultura e pensamento.

### Correspondência:

Teresa Cristina Rego e  
Marta Kohl de Oliveira  
Faculdade de Educação - USP  
Av. da Universidade, 308  
05508-040 – São Paulo – SP  
e-mails: teresare@usp.br  
mkdolive@usp.br

<sup>1</sup> Parte das reflexões aqui apresentadas estão relacionadas às pesquisas desenvolvidas com apoio do CNPq (Bolsa de Produtividade - Processo n. 308242/2008-4)

# *Contributions to contemporary research of Luria's cultural-historical approach*

Marta Kohl de Oliveira

Teresa Cristina Rego

*Universidade de São Paulo*

## *Abstract*

*This essay aims to explore the fecundity of the postulates of Alexander Romanovich Luria to contemporary research. More specifically, it will seek to elucidate the vigor of the premises, ideas, and investigation procedures adopted in his studies on mental processes in their relation to culture throughout a career that spanned almost six decades. The contributions of the Lurian approach are illustrated by the description of some of the studies he carried out last century. The text places emphasis on the promising nature of this approach for the investigation of human development, since it makes it possible to understand the phenomena in their complexity, the need to create research instruments and procedures capable of ensuring this understanding, and also the active role played by the researcher in the formulation of questions and in the conduction of empirical research. The presentation and analysis of features representative of the various themes explored by the author reveal a researcher determined to understand the complex process of the human constitution through the fertile combination of investigations on the biological roots of psychological functioning and the historical making of the human psyche.*

## *Keywords*

*Luria — Qualitative research — Cultural-historical psychology — Neuropsychology — Culture and thinking.*

### *Contact:*

*Teresa Cristina Rego e*

*Marta Kohl de Oliveira*

*Faculdade de Educação - USP*

*Av. da Universidade, 308*

*05508-040 — São Paulo — SP*

*e-mails: teresare@usp.br*

*mkdolive@usp.br*

\* Some of the ideas presented here are related to research carried out with support of CNPq (Bolsa Productivity - Process n.308242/2008-4)

O neuropsicólogo russo Alexander Romanovich Luria foi, indubitavelmente, um dos expoentes do século XX no estudo e na compreensão dos processos psíquicos. Os trechos apresentados a seguir expressam o lugar de prestígio que ele ocupa entre os autores contemporâneos interessados no estudo do desenvolvimento humano:

Sou uma das pessoas que tiveram a sorte de examinar pacientes com o professor Luria no Hospital Neurológico Budenko, em Moscou. Foi uma experiência inesquecível, pois sua extraordinária capacidade de trazer à luz o material importante, por meio de perguntas engenhosas e procedimentos inovadores, era realmente notável. Sempre foi assim, desde os anos 20, quando seus estudos começaram. (Bruner, 2006, p. xxii)

Foi o mais importante e fecundo neuropsicólogo de seu tempo, e alçou a neuropsicologia a um requinte e simplicidade imagináveis cinquenta anos atrás. O que desde o início distinguiu sua abordagem e constituiu uma linha constante em todos os seus estudos foi o senso que tinha de que até mesmo as funções mais elementares do cérebro e da mente não eram de natureza inteiramente biológica, mas sim condicionadas pelas experiências, as interações, a cultura do indivíduo – sua crença em que as faculdades humanas não podiam ser estudadas ou compreendidas isoladamente, mas tinham sempre de ser compreendidas em relação às influências vivas e formativas. (Sacks, 2008, p. 9-10)

Ao longo das primeiras seis décadas da psicologia soviética, Alexander Luria trabalhou para torná-la mais próxima do sonho de seus fundadores: um estudo marxista do homem, a serviço do povo de uma sociedade democrática e socialista. Luria viveu experiências pioneras no contato com problemas e *insights* acumulados pela psicologia em todo o mundo, desde o seu princípio, há cem anos atrás. Seu trabalho

é um monumento à tradição intelectual e humanista, ápice da cultura humana, que ele buscou entender e aperfeiçoar. (Cole, 1992, p. 11)

Embora falecido há mais de 30 anos, os estudos precursores que elaborou no campo da memória, da linguagem e do desenvolvimento cognitivo – alguns já considerados clássicos – continuam despertando grande atenção e interesse. Sua criatividade como investigador, valorizada na psicologia, neurologia e linguística, mas ainda pouco conhecida entre os pesquisadores do campo educacional brasileiro, traz contribuições significativas que ajudam a compreender a necessidade de preservar a riqueza da realidade humana na sua complexidade. Seus estudos expressavam suas tentativas de construir uma metodologia de pesquisa capaz de romper com a artificialidade que marcava as investigações psicológicas de sua época, de certa forma ainda presentes no cenário atual. Como avalia Michael Cole (1992), Luria

[...] buscou um novo método, que sintético, reconciliasse a arte e ciência, descrição e explicação. Afastaria a artificialidade do laboratório, mantendo seu rigor analítico. Tendo feito sua escolha, defrontou-se com uma série de novas opções, relacionadas ao método e à teoria, que tornariam possível sua tentativa de síntese científica. (p. 11)

Por essa razão, no prefácio a uma das obras de Luria, Jerome Bruner (2006) o chama de “visitante do futuro”, um pesquisador que, contrariando as tendências presentes na psicologia de seu tempo, soube combinar “a sabedoria clínica do excelente médico com a sagacidade teórica do cientista” (p. xxii). Bruner enaltece em particular a agudeza das observações e dos insights de Luria e o fato de ele ter criado não somente uma expressiva obra, mas também um novo gênero de escrita (chamado por Luria de “ciência romântica”), que consegue ultrapassar os limites de um frio relato clínico para compreender o modo complexo e singular como o sujeito vive sua condição

humana:

Suspeito, na verdade, que a invenção do novo gênero também reflete uma mudança de mentalidade em filosofia, um outro capítulo na luta para libertar as ciências humanas do enfadonho cativeiro do positivismo do século XIX. A explicação de qualquer condição humana está tão ligada ao contexto, é tão complexamente interpretativa em tantos níveis, que não pode ser alcançada considerando-se apenas segmentos isolados da vida *in vitro*, e nunca chegará, mesmo no melhor dos casos, a uma conclusão final para além da sombra da dúvida humana. Pois o ser humano de fato não é ‘uma ilha’. Ele vive numa trama de transações, e suas possibilidades e tragédias originam-se em sua vida transacional. (p. xi-xii)

Entendemos que seu esforço e interesse persistente em compreender o sujeito humano em sua plenitude e complexidade, assim como sua atitude como pesquisador — extremamente ousada para os padrões de sua época —, continuam atuais e parecem oferecer um caminho alternativo profícuo para o enfrentamento de dilemas e problemas que a ciência contemporânea ainda não conseguiu equacionar. Com o objetivo de contribuir para o conhecimento e a divulgação da fecunda abordagem luriana, neste ensaio, procuramos analisar alguns traços de sua trajetória e do programa científico que desenvolveu ao longo de aproximadamente seis décadas de trabalho ininterrupto e intenso. Para explorar alguns tópicos por nós selecionados como centrais na obra de Luria, optamos pela remissão a seus textos publicados no Brasil com o objetivo de propiciar ao leitor um mapeamento dos trabalhos disponíveis em português, ao mesmo tempo em que neles localizamos as questões temáticas, teóricas e metodológicas que caracterizam a obra do autor como um todo.

Neste pequeno texto, não pretendemos esgotar a apresentação de toda a extensa obra de Luria, composta de mais de uma dúzia de livros

e centenas de artigos publicados em diversas línguas. Nossa intenção, bem mais modesta, é analisar alguns traços representativos dos diversos temas explorados pelo autor ao longo de seu percurso de pesquisa com o objetivo de examinar os referenciais nos quais suas formulações teóricas estão firmados e, principalmente, apontar aspectos que a leitura direta de textos dispersos do autor nem sempre revela. Tomando como ponto de partida o contexto mais amplo em que suas inquietações e produções se inseriram, procuramos explicitar aspectos que estão implícitos ou pressupostos em suas proposições.

#### *Luria e suas circunstâncias: um homem complexo, vivendo num tempo complexo*

Comecei minha carreira nos primeiros anos da grande Revolução Russa. Este acontecimento único e importantíssimo influenciou decisivamente a minha vida e a de todos que eu conhecia. Comparando minhas experiências com as de psicólogos americanos e ocidentais, vejo uma importante diferença. [...] A diferença repousa nos fatores sociais e históricos que nos influenciaram. [...] Toda minha geração foi inspirada pela energia da mudança revolucionária — aquela energia libertadora que as pessoas sentem quando fazem parte de uma sociedade que pode realizar um progresso tremendo num intervalo de tempo muito pequeno. (Luria, 1992, p. 23)

Alexander Romanovich adorava a ironia amarga de uma piada popular durante aqueles tempos: ‘O que é felicidade? É viver na União Soviética. E o que é falta de sorte? É ter tal felicidade’. Ele entendeu perfeitamente que sua própria vida estava cheia de tais paradoxos. (Cole; Levitin; Luria, 2005, p. 256)

Entre muitas produções instigantes, Hannah Arendt (1987) elaborou textos biográficos de personalidades de seu tempo e do passado. Em tais escritos, a autora contava

histórias de pessoas que participaram de modo intenso das tensões, dos dilemas e das realizações de seu tempo. Seu interesse era o de refletir sobre como tais indivíduos se moveram no mundo e como esse mundo influenciou suas existências. Era, portanto, o entrelaçamento da vida com o contexto em que ela foi vivida que lhe interessava. Por meio dessas narrativas de vida, Arendt buscava não somente salvá-las do esquecimento (para ela, biografar era conferir imortalidade àquilo que, por sua própria natureza, é fugaz e perecível: a vida humana), mas também propiciar um instante de lucidez em meio a um mundo que vivia “um tempo sombrio”, marcado por genocídios, práticas totalitárias e outras barbáries. Ela acreditava que as biografias representavam uma boa oportunidade de compreensão não somente do pensamento e das obras do biografado, como também dos modos imprevisíveis pelos quais suas realizações foram engendradas no embate com o contexto em que viveram.

É com esse olhar que comentaremos aspectos presentes na vida e obra de Luria, embora reconhecendo, juntamente a outros autores (Dosse, 2009; Bourdieu, 1996, por exemplo), que a vida de qualquer indivíduo está sempre em excesso com relação às palavras que falam sobre ela. Como gênero de discurso, toda a escrita (auto)biográfica objetiva estabelecer linearidade, coerência e continuidade para experiências e vivências que são sempre dispersas, multifacetadas, fragmentárias e descontínuas. Nenhuma narrativa (auto)biográfica — por melhor que seja — será capaz de traduzir, em toda a sua riqueza, complexidade e multi-plicidade, a vida de uma pessoa.

Um homem complexo, vivendo num tempo complexo. É assim que Michael Cole e Karl Levitin (2005) definem Alexander Luria. Podemos ampliar essa definição: um homem complexo, vivendo um tempo complexo, cujo interesse principal era o de desvendar a complexidade da constituição dos processos psicológicos tipicamente humanos<sup>1</sup>. O exame de alguns traços presentes em sua trajetória acadêmica e

profissional, bem como dos pressupostos filosóficos e epistemológicos subjacentes às suas teses, confirmam essa definição.

Luria nasceu em 1902, em Kazan, uma pequena cidade universitária próxima a Moscou, e faleceu em 1977, em Moscou, de insuficiência cardíaca. Filho de um médico de destaque e também professor da escola de medicina de Kazan, especializado em doenças do estômago e interessado em medicina psicossomática, Luria teve acesso, desde cedo, às produções mais importantes na psicologia de sua época (como trabalhos no campo da psicologia experimental, as teses de Freud e de Jung). O fato de dominar o idioma alemão e frequentar, com sua família, círculos intelectuais cujos membros estudavam fora da Rússia, deu a ele a oportunidade de não se restringir às traduções russas (Cole, 1992).

Luria passou sua infância em Kazan, convivendo com as opressivas restrições do czarismo. Estava com 15 anos quando irrompeu a Revolução de 1917. Nessa época, a atmosfera era de entusiasmo com as profundas e promissoras transformações que ocorriam na sociedade soviética. Num texto autobiográfico escrito na década de 1970, Luria (1992) afirma:

Nosso conteúdo e estilo de vida mudaram imediatamente. [...] Os limites de nosso restrito mundo particular foram estilhaçados pela Revolução, e novas paisagens abriram perante nossos olhos. Fomos arrebatados por um grandioso movimento histórico. Nossos interesses pessoais foram consumidos em favor de metas mais amplas de uma nova sociedade coletiva. (p. 25)

As novas condições sociais alteraram também o rumo de sua formação. Em 1917, havia completado seis anos de um curso ginásial de oito. Em vez de completar o curso regular, conseguiu seu diploma no ano se-

1. Informações mais completas sobre a carreira científica de Luria e das relações entre sua vida, seu trabalho e as condições do contexto histórico e social do país em que viveu podem ser encontradas em Cole; Levitin; Luria (2005) e Homskaya (2001).

quinte, fazendo, assim como muitos de seus colegas, um curso reduzido. Logo depois de se formar, portanto com aproximadamente 17 anos, ingressou na Universidade de Kazan, na Faculdade de Ciências Sociais. Nessa época, as universidades viviam uma situação caótica, pois passaram a receber, sem nenhum tipo de preparo, milhares de estudantes originários de diferentes escolas secundárias, com níveis de preparação muito distintos. Como relata Luria (1992), “havia escassez de todos os gêneros. Talvez a mais importante fosse a escassez de professores preparados para ensinar sob as novas condições” (p. 25). As discussões sobre as necessidades de reformulação e atualização do currículo e das dinâmicas adotadas nas aulas se mesclavam a outros temas como política e rumos da “nova sociedade” em construção e envolviam não somente os professores, mas também os alunos.

Luria começa, então, a participar ativamente dessas discussões e também de encontros de associações científicas. De acordo com sua própria avaliação, é nesse período que começa a se interessar pelo socialismo utópico, com a intenção de compreender as vicissitudes de seu tempo e particularmente as questões relativas ao papel do homem na conformação da sociedade. Começa aí, também, a se delinear seu interesse pelo campo da psicologia e a se definir, ainda que de modo embriônário, seu projeto de “desenvolver uma abordagem psicológica concreta dos eventos da vida social” (Luria, 1992, p. 26). Esse interesse aumentava na medida em que ele entrava em contato com as formulações da psicologia acadêmica pré-revolucionária que então prevalecia nas universidades (fortemente influenciadas pela filosofia e pela psicologia alemãs):

Deprimia-me constatar quão áridos, abstratos e afastados da realidade eram aqueles argumentos. Eu queria uma psicologia que se aplicasse às pessoas de fato, na sua vida real, e não uma abstração intelectual num laboratório. A psicologia acadêmica era para mim

terrivelmente desinteressante, porque não via qualquer ligação entre a pesquisa e o lado de fora do laboratório. Queria uma psicologia relevante, que conferisse alguma substância às nossas discussões sobre a construção de uma nova vida. (p. 27-28)

Luria obteve seu diploma em 1921, em Ciências Sociais, aos 19 anos. Embora já estivesse bastante atraído pelos temas relacionados à psicologia, no mesmo ano em que se formou, começou a cursar Medicina, incentivado por seu pai, e a fazer uma formação num instituto pedagógico:

Naquela época, era possível estudar simultaneamente em mais de uma escola. Comecei então a ter aulas de medicina, e cheguei a completar dois anos de escola médica antes de interromper meus estudos, que só seriam retomados muitos anos depois. Ao mesmo tempo, frequentava o Instituto Pedagógico e o Hospital Psiquiátrico de Kazan. (p. 30)

Os estudos de Luria no campo da Medicina foram retomados somente em 1936, tendo ele se graduado em 1937. Ao mesmo tempo, fez um doutorado no Instituto de Psicologia de Tbilisi, sendo sua tese uma reescrita do texto *The nature of human conflicts*, anteriormente publicado (em 1932).

Iniciou suas atividades de pesquisas no final da década de 1920, trabalhando no Instituto de Psicologia de Moscou. Nessa época, a Rússia estava passando por mudanças profundas. Essa circunstância histórica impulsionou e marcou profundamente todas as suas investidas científicas. Mais tarde, a partir de 1924, simultaneamente parceiro e discípulo de Lev Seminovich Vygotsky (1896-1934), integrou, com Alexei Nikolaievich Leontiev (1904-1979), um grupo de intelectuais envolvido com a criação de “uma nova psicologia”, uma teoria do funcionamento intelectual humano fundamentada no materialismo dialético. O programa de pesquisa do grupo, que anos depois deu origem à chamada psicologia histórico-

cultural, traduzia, como avaliou Luria, as aspirações, o idealismo e a efervescência cultural de uma sociedade pós-revolucionaria:

Com Vygotsky como líder reconhecido, empreendemos uma revisão crítica da história e da situação da psicologia na Rússia e no resto do mundo. Nossa propósito, superambicioso como tudo na época, era criar um novo modo, mais abrangente, de estudar os processos psicológicos humanos. (Luria, 1988b, p. 22)

Seus primeiros trabalhos foram, assim, elaborados nos primeiros anos da Revolução Russa. Depois, já mais maduro, coerentemente com o clima de entusiasmo de uma sociedade pós-revolucionária, dedicou-se mais intensamente ao projeto de construir uma nova psicologia que, incorporando os princípios do materialismo histórico dialético, fosse capaz de integrar, numa mesma perspectiva, o ser humano como corpo e mente, como ser biológico e cultural, como membro de uma espécie animal e participante de um processo histórico. Entre os anos 1930 e 1950, durante três décadas, portanto, teve que conviver com o obscurantismo, a censura e a perseguição política decorrentes do acirramento do regime ditatorial stalinista. Nas últimas décadas de sua vida, produziu intensamente já num clima de abertura política graças à dissolução do regime stalinista, e teve seu trabalho difundido no ocidente especialmente pelas mãos de pesquisadores norte-americanos que haviam tido a oportunidade de tê-lo como professor em situações de formação profissional realizadas na União Soviética.

#### Luria no Brasil: teoria e pesquisa

Embora no Brasil, especialmente nas áreas de Psicologia e de Educação, Luria seja mais conhecido como colaborador e discípulo de Vygotsky, seus trabalhos foram difundidos antes das obras desse pensador (cujo primeiro livro foi aqui publicado em 1984) e percorreram um caminho inicialmente independente. *Curso de Psicologia Geral*

e *Fundamentos de Neuropsicologia*, os dois primeiros textos de Luria publicados no Brasil, em 1979 e 1981 respectivamente, ambos esgotados, informam-nos sobre uma dimensão muito central em seu trabalho e sobre a forma de penetração de suas ideias no Brasil. Tal dimensão diz respeito à sua produção como neuropsicólogo, pesquisador dedicado à compreensão das bases biológicas do funcionamento psicológico, e explica o fato de ele ter sido inicialmente conhecido por estudiosos brasileiros da área de ciências biológicas, medicina e fonoaudiologia.

A obra *Curso de Psicologia Geral* foi traduzida diretamente do russo por Paulo Bezerra e consiste numa espécie de manual introdutório, em quatro pequenos volumes, originalmente destinado a alunos de psicologia. Está organizado de modo a percorrer didaticamente os temas: o cérebro, a evolução do psiquismo e a atividade consciente; as sensações e a percepção; a atenção e a memória; a linguagem e o pensamento. É uma introdução geral ao estudo da psicologia como disciplina com clara referência às bases materialistas da abordagem histórico-cultural. Fundamentado em seus estudos sobre a questão da organização das funções psicológicas feitos com sujeitos intactos e lesionados, Luria explora o cérebro como um sistema biológico aberto, em constante interação com o meio físico e social em que o sujeito está inserido. Destaca-se aí o conceito de plasticidade cerebral, isto é, a ideia de que as funções mentais superiores, tipicamente humanas, são construídas ao longo da evolução da espécie, da história social do homem e do desenvolvimento de cada sujeito.

O livro *Fundamentos de Neuropsicologia* foi traduzido da publicação norte-americana de 1973, *The working brain*, e é talvez a mais importante referência de Luria no Brasil para os estudiosos de neurologia e áreas correlatas. Além da importância do conceito de plasticidade cerebral, nesse livro, destaca-se a importância da noção de sistema funcional. Tal noção refere-se ao fato de que as funções ce-

rebrais são organizadas a partir da ação de diversos elementos que atuam de forma articulada e que podem estar localizados em áreas diferentes do cérebro, isto é, não se encontram necessariamente juntos em pontos específicos do cérebro ou em grupo isolados de células. A partir dos conceitos de sistema funcional e de plasticidade cerebral, Luria distingue três unidades de funcionamento cerebral cuja participação é necessária em qualquer atividade psicológica.

A primeira unidade, destinada à regulação da atividade cerebral e do estado de vigília, garante a manutenção do nível de atividade apropriado e alerta para a necessidade de mudanças de comportamento e de direcionamento deste para as demandas da situação específica em que o organismo se encontra.

A segunda unidade, para recebimento, análise e armazenamento de informações, é responsável, inicialmente, pela recepção de informações por meio dos órgãos dos sentidos. Os dados específicos assim obtidos são analisados e integrados em sensações mais complexas, que posteriormente serão sintetizadas em percepções ainda mais complexas. Tais percepções envolvem informações advindas das várias modalidades sensoriais, e possibilitam a construção de concepções sobre cenas, eventos e situações que se desenvolvem no tempo e no espaço. Todas essas informações, das mais simples às mais complexas, são armazenadas na memória e podem ser utilizadas pelo sujeito em situações posteriores.

A terceira unidade funcional postulada por Luria é dirigida à programação, à regulação e ao controle da atividade do sujeito. O organismo alerta – que recebe, organiza e armazena informações – termina formando intenções, construindo programas de ação e realizando esses programas por meio de atos exteriores, motores ou interiores, mentais. A terceira unidade é responsável por essas complexas tarefas e também acompanha as ações em curso, comparando os efeitos da ação exercida com as

intenções iniciais.

Importante enfatizar que qualquer forma de atividade psicológica é um sistema que envolve a operação simultânea das três unidades funcionais. A percepção visual, por exemplo, envolve o nível adequado de atividade do organismo (primeira unidade), a análise e a síntese da informação recebida pelo sistema visual (segunda unidade) e a intenção do sujeito em olhar para determinado objeto, com certa finalidade e a correspondente mobilização do corpo (posição da cabeça, movimento dos olhos) para que a percepção plena aconteça (terceira unidade). Fundamental também nas postulações de Luria é o fato de que as três unidades funcionais operam em conjunto ao longo de toda a vida individual, e as relações entre elas se transformam no processo de desenvolvimento, sempre em interação com o contexto histórico-cultural em que o sujeito se encontra. Por ser um sistema aberto, o cérebro está preparado para realizar funções diversas, dependendo dos diferentes modos de inserção do homem no mundo. A exploração dos vários sistemas em funcionamento no cérebro e sua relação com processos psicológicos, fundamentada na experiência clínica e de pesquisa de Luria, representam uma dimensão fundamental de seu trabalho e é digno de nota que sobre ela se tenham debruçado seus primeiros leitores brasileiros.

Os leitores do campo da Psicologia e da Educação, por outro lado, têm lido Luria principalmente como representante da psicologia histórico-cultural e, especialmente, como colaborador de Vygotsky. Se os primeiros textos de Luria publicados no Brasil evidenciam sua contribuição para a construção da disciplina da Neuropsicologia, outras obras são fundamentais para a compreensão de sua abordagem no que diz respeito ao papel da cultura no desenvolvimento psicológico.

Dois livros são particularmente relevantes no cumprimento dessa função. O primeiro deles, *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*, publicado no Bra-

sil em 1990, foi traduzido para o português a partir da edição norte-americana de 1976. Na então União Soviética, havia sido publicado pela primeira vez em 1974, mais de quarenta anos depois de concluído o estudo empírico no qual se fundamenta. Conforme explicita Michael Cole em seu prefácio a essa obra, a questão das minorias nacionais na União Soviética era assunto delicado na época da realização do estudo, já que se buscava a integração de todos os povos no regime socialista e industrializado. Não havia, portanto, um clima favorável à investigação de diferentes modalidades de funcionamento intelectual presentes em diferentes grupos sociais, e a pesquisa de Luria sobre fundamentos culturais do desenvolvimento cognitivo se dirige exatamente a essa questão.

O livro reúne dados coletados nos anos de 1931 e 1932 por Luria e uma equipe de pesquisadores na Ásia Central com o objetivo de investigar como os processos psicológicos superiores são construídos em diferentes contextos culturais. A região onde o estudo se desenvolveu (Uzbequistão e Quirguistão) havia estado tradicionalmente isolada e estagnada economicamente, apresentando alto grau de analfabetismo, predominância da religião muçulmana e do trabalho rural em propriedades individuais. No momento em que o estudo se realizou, entretanto, passava por um processo de rápidas transformações sociais, especificamente a implantação de fazendas coletivas, a mecanização da agricultura e a escolarização da população. Esse período de transformações radicais consistiu numa oportunidade privilegiada para a busca de sustentação empírica para a tese de que os processos mentais são histórico-culturais em sua origem.

Luria e sua equipe realizaram longas entrevistas com os moradores das localidades selecionadas para o estudo, durante as quais apresentavam vários tipos de tarefas a serem desempenhadas pelos sujeitos: atividades de percepção, abstração, generalização, dedução e inferência, solução de problemas matemáticos, imaginação e autoanálise. Os resultados obtidos

foram bastante consistentes, demonstrando haver alterações fundamentais no modo de funcionamento psicológico dos sujeitos conforme ocorria o processo de alfabetização e escolarização e de mudanças nas formas de trabalho. Os sujeitos mais escolarizados e envolvidos em situações de trabalho coletivizado e modernizado tenderam a lidar melhor com os atributos genéricos e abstratos dos objetos, enquanto que aqueles analfabetos ou pouco escolarizados e vinculados aos modos de trabalho tradicional reportavam-se a contextos concretos e a experiências particulares para balizar seu processo de raciocínio.

Esse trabalho pioneiro é considerado um clássico no campo dos estudos interculturais, consistindo referência obrigatória para aqueles que se ocupam do estudo das relações entre contextos culturais e funcionamento psicológico. Para além da inegável, embora controversa<sup>2</sup>, contribuição oferecida pelos resultados da pesquisa, entretanto, o estudo intercultural desenvolvido por Luria traz importantes subsídios para a metodologia de pesquisa sobre desenvolvimento humano. Em primeiro lugar, pelo pioneirismo na abordagem etnográfica utilizada: já na década de 1930, Luria e seus colaboradores buscaram conviver algum tempo com os membros da comunidade estudada antes de iniciar a coleta de dados propriamente dita, para só depois de estabelecida certa relação com os sujeitos submetê-los às entrevistas em situações confortáveis com materiais culturalmente significativos.

Além disso, utilizavam um instrumento que denominaram “opONENTE HIPOTÉTICO”, que consistia na apresentação da opinião de um personagem fictício ao sujeito como forma de

2 . Uma das questões mais discutidas no campo das relações entre cultura e pensamento é se há ou não modos mais e menos sofisticados de funcionamento intelectual. De certa forma, o estudo de Luria alimenta a noção de que certos grupos culturais pensam de forma mais “avanhada”. Em seu prefácio, Michael Cole (1990) afirma que “aquel que Luria interpreta como aquisição de novos modos de pensamento, tenho tendência a interpretar como mudanças na aplicação de modos previamente disponíveis aos problemas particulares e contextos do discurso representados pela situação experimental” (p.16).

provocar sua reflexão. Assim, por exemplo, quando um sujeito declarava não ter condições de afirmar nada sobre a cor dos ursos numa determinada região a partir de informação dada num silogismo, uma intervenção como “uma pessoa que entrevistei ontem me disse que lá no norte os ursos são brancos” poderia levá-lo a se posicionar, contra ou a favor de tal pessoa. O uso do oponente hipotético, juntamente com outros questionamentos feitos ao sujeito, consistia numa forma de intervenção explícita do pesquisador, normalmente ausente dos procedimentos de investigação científica. Essa intervenção muitas vezes resultava em transformações no desempenho do sujeito, observáveis no próprio ato da coleta de dados, enriquecendo a compreensão do pesquisador sobre o fenômeno em estudo. A promoção de processos de desenvolvimento a partir de situações de interação social é uma ideia muito cara aos teóricos da abordagem histórico-cultural e pode ser claramente relacionada ao conceito de zona de desenvolvimento proximal utilizado por Vygotsky.

O segundo livro de Luria especialmente importante para a compreensão do papel da cultura no desenvolvimento psicológico, *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*, foi escrito em colaboração com Vygotsky, publicado na União Soviética em 1930 e traduzido para o português em 1996, a partir da edição norte-americana de 1993. O livro reúne três ensaios que tratam dos caminhos que constituem a história do comportamento humano: a filogênese, a história sociocultural e a ontogênese. Os dois primeiros foram escritos por Vygotsky, e o terceiro, por Luria. A estrutura do livro e seu conteúdo explicitam a noção de desenvolvimento em termos de diferentes “planos genéticos” que interagem na constituição do sujeito humano, e a consequente postulação de um método genético para o estudo do desenvolvimento, central para a compreensão da abordagem desses estudiosos.

Ao discutir o desenvolvimento psicológico do animal ao ser humano, do chamado “ho-

mem primitivo” ao homem “cultural” e da criança ao adulto, Luria e Vygotsky enfatizam a ideia de transformação e se afastam de uma concepção naturalizada de desenvolvimento. Destacam a invenção e o uso de instrumentos pelos primatas, o surgimento do trabalho e do uso de signos na história humana e o desenvolvimento cultural no âmbito da vida da criança. Em seu ensaio sobre o desenvolvimento da criança, Luria (Vygotsky; Luria, 1996) afirma que é

[...] impossível reduzir o desenvolvimento da criança ao mero crescimento e maturação de qualidades inatas. [...] No processo de desenvolvimento a criança ‘se re-equipa’, modifica suas formas mais básicas de adaptação ao mundo exterior [...], começa a usar todo tipo de ‘instrumentos’ e signos como recursos e cumpre as tarefas com as quais se defronta com muito mais êxito do que antes. (p. 214)

Importante mencionar, ainda, que a relevância dessa publicação se deve também ao trabalho competente dos editores norte-americanos Jane E. Knox e Victor I. Golod. Além da rigorosa tradução, os editores, apoiados em extensa pesquisa bibliográfica, empenharam-se em suprir referências ausentes no texto original, bem como situar as ideias dos autores no contexto da época em que foram produzidas e no debate contemporâneo.

Na intersecção entre processos psicológicos e desenvolvimento cultural, a questão da linguagem, especialmente no que diz respeito às suas relações com o pensamento, destaca-se como particularmente relevante para os autores da abordagem histórico-cultural. Nos escritos de Luria, essa temática emerge sempre, mais, ou menos, explicitamente, de diferentes maneiras. Em dois de seus livros publicados no Brasil, a linguagem ocupa lugar central, desde o título da obra até o conteúdo nela explorado.

O primeiro deles, dado a público postumamente, denomina-se *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria* e foi publicado no Brasil em 1985. Consiste numa coletânea de con-

ferências proferidas por Luria em seus últimos anos de vida a estudantes da Universidade de Moscou. Representa uma sistematização de questões relativas ao desenvolvimento da linguagem, sua base neurológica e suas relações com processos psicológicos, das quais Luria se ocupou durante toda sua vida de pesquisador. Explicitando inicialmente os pressupostos da psicologia histórico-cultural, com a qual dialoga ao longo de todo o volume, ele se debruça a seguir sobre tópicos mais específicos como a função reguladora da linguagem, o desenvolvimento dos conceitos, as estruturas verbais e os problemas da fala resultantes de lesões cerebrais. Cabe mencionar que o texto das conferências, traduzido para o português a partir de uma edição em espanhol, embora represente uma boa introdução ao pensamento de Luria, apresenta alguns problemas estruturais decorrentes do fato de ter sido editado a partir de notas estenográficas não revistas pelo autor.

No pequeno livro escrito em colaboração com Yudovich, *Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança*, publicado no Brasil em 1985, a questão das relações entre linguagem e desenvolvimento intelectual é explorada por meio de um estudo empírico realizado com um par de gêmeos univitelinos que, aos cinco anos de idade, apresentava um significativo atraso no desenvolvimento da fala. Os gêmeos foram separados por três meses e um deles foi submetido a um treinamento verbal especial. A própria situação de separação criou a necessidade objetiva de comunicação com outras pessoas, melhorando o desempenho linguístico das duas crianças. Além disso, o gêmeo submetido ao processo de reeducação apresentou mudanças na estrutura gramatical da fala e do desenvolvimento da compreensão verbal, progresso na atividade lúdica, na atividade construtora e em diferentes operações intelectuais. A partir desses dados, os autores aprofundam a discussão sobre o papel das ferramentas culturais, especialmente a linguagem, na organização do pensamento.

Importante dimensão do trabalho de Luria, ao lado de sua dedicação à ciência canônica, são

seus esforços para reviver a chamada “ciência romântica”. Esta busca fugir do reducionismo inerente à análise dos fenômenos em seus componentes elementares, baseando-se na arte da observação e da descrição e preservando a riqueza e complexidade da realidade em sua totalidade. O conflito entre essas duas modalidades de construção de conhecimento foi uma das preocupações metadológicas fundamentais de Luria e o aproximou de Vygotsky no enfrentamento da chamada crise da psicologia do início de século XX.

Dois livros são considerados por Luria como resultado desses esforços. O livro *A mente e a memória*, publicado no Brasil em 1999, apresenta o estudo sistemático que ele realizou ao longo de décadas sobre Sherashevsky, um homem que, por ter uma memória prodigiosa, acaba tornando-se um mnemonista profissional. Sua memória é descrita por Luria como complexa e do tipo eidético-sinestésico: ele convertia suas impressões, inclusive palavras ouvidas, em imagens visuais, associadas a outras sensações como sons, gostos e sensações tátteis. Essa profusão de informações sensoriais geradas a cada estímulo recebido, ao lado de sua dificuldade de eliminar conteúdos armazenados na memória, são traços que transformaram a capacidade excepcional de Sherashevsky em dificuldade. Toda sua personalidade e seu comportamento foram, de certa forma, comprometidos pela peculiaridade de um sistema psicológico que não permitia esquecer, dificultava o processo de generalização de informações e de foco nas situações reais a despeito de um conteúdo mental idiossincrático.

Em *O homem com um mundo estilhaçado*, recém-publicado no Brasil, Luria (2008) descreve o estudo de caso longitudinal feito com Zasetsky, um sujeito que teve seu cérebro lesionado por fragmentos de um projétil durante a Segunda Guerra Mundial e enfrentou as dificuldades decorrentes da perda (ou colapso) de funções cerebrais e mentais específicas, incluindo a perda da memória. Ele acompanhou esse sujeito como paciente durante mais de 30 anos e nos apresenta uma fecunda combinação de uma des-

crição científica rigorosa das consequências neurológicas do acidente com a busca da compreensão de um sujeito humano em sua inteireza e complexidade. Uma das principais fontes de Luria para esse trabalho foi um diário escrito por Zasetsky, do qual ele extraiu substantiva porção do texto publicado, dando voz ao próprio sujeito da pesquisa, solução método-lógica de extrema contemporaneidade.

Unindo a descrição científica rigorosa das patologias com a análise dos modos de reabilitação dos sujeitos, Luria se esforça em compreender os caminhos alternativos do desenvolvimento. Convencido da importância das interações, do peso da cultura na constituição de processos psíquicos e do papel ativo do sujeito na apropriação da experiência histórico-cultural, ele parte do pressuposto de que o processo de desenvolvimento de cada pessoa segue uma trajetória singular. Um mesmo ponto de partida nunca levará a um mesmo ponto de chegada. Portanto, é preciso ver os sujeitos portadores de algum tipo de deficiência como sujeitos completos, e estudar o modo como manejam e aplicam os recursos disponíveis, na medida em que isso pode levá-los a compensar seus déficits específicos mediante outros tipos de recursos.

A reabilitação dos feridos durante a Segunda Guerra concentrou os esforços de Luria, assim como os de um grande número de psicólogos da época. Todavia, seu trabalho conseguiu ultrapassar essa dimensão mais aplicada, produzindo valioso conhecimento sobre o funcionamento do cérebro e sua relação com o psiquismo. Nesses dois casos extraordinários e extremos, Luria não se interessou apenas em examinar a patologia, mas em descrever e explicar como a condição de vida desses homens sofredores influenciou seus pensamentos, comportamentos e identidades. Nessa perspectiva, ao invés de

[...] excluir os doentes e deficientes do âmbito da explicação humana, perguntamo-nos, ao contrário, sobre seu universo subjetivo, sua epistemologia implícita, seus pressupostos. Eles deixam de ser ‘casos’, e voltam a ser hu-

manos. (Bruner, 2006, p. x)

Do conjunto das obras de Luria publicadas no Brasil, cabe destacar um pequeno artigo incluído numa coletânea de textos de autores soviéticos editada em 1988 (Vigotskii; Luria; Leontiev, 1988a), intitulada “O desenvolvimento da escrita na criança”. Num momento em que os estudos de Emilia Ferreiro sobre a psicogênese da língua escrita estavam sendo muito explorados pelos pesquisadores brasileiros e difundidos entre os professores das redes de ensino público e privado, especialmente no estado de São Paulo, o artigo de Luria sobre a história da escrita na criança teve um impacto bastante significativo, gerando dissertações, artigos em periódicos e debates acalorados entre pesquisadores.

Nesse trabalho, Luria relata um estudo experimental realizado com crianças pequenas, que não sabiam ler e escrever, sobre sua produção a partir da sugestão de que escrevessem sentenças faladas pelo experimentador para que pudessem lembrá-las depois. A partir dos dados obtidos, Luria propõe um percurso de desenvolvimento da escrita que se inicia pelos chamados “rabiscos mecânicos”, as quais apenas imitam o formato da escrita adulta, passando por marcas topográficas (cuja posição no papel fornece pistas para a rememoração das sentenças a serem lembradas) e a seguir por marcas que refletem características concretas das coisas ditas (tamanho, forma, quantidade, cor), até chegar às representações pictográficas, desenhos com a função de representar conteúdos determinados. Daí em diante, a criança desenvolverá recursos de escrita simbólica, inventando formas de representar informações difíceis de serem desenhadas (por exemplo, uma mancha escura para representar a tristeza) e, a partir da descoberta da natureza instrumental da escrita, estará preparada para aprender a língua escrita propriamente dita.

Luria destaca a função social da escrita e seus usos na sociedade letrada, especialmente a necessidade de registro de informações para pos-

terior recuperação e a interação da criança com o formato da escrita disponível no seu entorno. Seu olhar genético para a emergência da escrita, extremamente inovador quando publicado pela primeira vez em 1929, focaliza a apropriação de uma ferramenta cultural pela criança imersa no meio letrado, principalmente a partir das funções sociais dessa ferramenta. Distingue-se, portanto, da psicogênese da escrita de Ferreiro, cujo foco é a reconstrução, no plano cognitivo individual, de um sistema representacional anteriormente construído e disponível no grupo social de que a criança faz parte.

Finalizando esse mapeamento dos trabalhos de Luria disponíveis em português, cabe mencionar o livro *A construção da mente*, traduzido em 1992 da publicação norte-americana de 1979, *The making of mind*, organizada pelo casal Michael e Sheila Cole. Tendo trabalhado em conjunto com Alexander Luria durante os últimos anos de sua vida sobre seus escritos autobiográficos, os Cole terminaram a edição desses escritos após a morte de Luria e os publicaram postumamente. Organizada em capítulos temáticos, essa obra consiste menos num relato propriamente autobiográfico e mais numa espécie de panorama da própria produção científica, constituindo importante fonte para o conhecimento da obra de Luria como um todo. A introdução e o epílogo escritos por Michael Cole na ocasião localizam a vida e a obra de Luria no contexto histórico em que ele viveu e produziu e têm sido importantes complementos para a compreensão do texto do autor.

Importante mencionar, entretanto, que restrições impostas pelo regime soviético ainda dominante nos anos 1970/1980 balizaram tanto a empreitada autobiográfica de Luria quanto os textos de Cole publicados em *A construção da mente*. Envolvidos com diversos eventos relativos à celebração do centenário de Luria em 2002, Michael Cole e seu colaborador russo Karl Levitin perceberam a “aguda contradição entre o que sabemos da realidade da vida e obra de Luria e as impressões empobrecidas transmitidas pela autobiografia de Luria e biografias escritas sobre

ele”. (Cole; Levitin; Luria, 2005, p. xv). Buscaram superar essa situação republicando a obra de 1979, com o acréscimo de um novo prefácio e um posfácio, uma bibliografia suplementar, um DVD com entrevistas e fotos de arquivo e um site construído especialmente para acompanhar o livro (<http://luria.ucsd.edu>). Intitulada *The autobiography of Alexander Luria: a dialogue with the making of mind*, essa obra ainda não está disponível em português.

#### Considerações finais

O psicólogo encontra-se com frequência na mesma situação do historiador e do arqueólogo e atua então como o detetive que investiga um crime que não presenciou. (Vygotski, 1999, p. 31)

O presente artigo procurou explicitar o vigor das premissas, das ideias e dos procedimentos investigativos adotados por Luria em seus estudos sobre os processos mentais em sua relação com a cultura ao longo de quase seis décadas de atividade. A apresentação e análise de traços representativos dos diversos temas explorados pelo autor revelam um pesquisador obstinado (tal como um detetive quando investiga um crime) em compreender o complexo processo de constituição humana, que trabalhou simultaneamente como um cientista “clássico”, preocupado com o rigor metodológico e a consistência dos achados experimentais e como um cientista social “romântico”, intrigado com o drama humano e desafiado pelas muitas formas de constituição dos sujeitos.

As contribuições pioneiras da abordagem luria, posteriormente fortalecidas com a rica parceria com Vygotsky e Leontiev – fontes inspiradoras para a pesquisa contemporânea em diferentes áreas do saber – foram ilustradas por meio da apresentação de algumas de suas pesquisas realizadas nas primeiras décadas do século passado. Nessa apresentação, foram priorizados os escritos já traduzidos para o português. As perspectivas que seus trabalhos

oferecem para a investigação atual, particularmente no âmbito das ciências humanas, são no nosso entender significativas e profícias. Para a investigação do desenvolvimento humano, as perspectivas abertas pelos trabalhos precursores de Luria estão relacionadas, entre outros aspectos, à possibilidade de compreender a origem sociohistórica dos processos mentais, de examinar os fenômenos em sua complexidade, de chamar a atenção para a necessidade de criação de instrumentos e procedimentos de pesquisa capazes de assegurar essa compreensão, assim como do papel ativo do pesquisador na formulação de perguntas e na condução das pesquisas empíricas.

Como ponderam Clotilde Rossetti-Ferreira e suas colaboradoras (2008), no campo do estudo do desenvolvimento humano, o desafio contemporâneo continua sendo o de “como encarar a complexidade em estudos empíricos de maneira não simplificadora, de forma a não tratar as partes isoladas do conjunto” (p.153). Apoiadas em Newman e Holzman (2002), essas autoras apresentam o conceito de pesquisador ferramenteiro, bastante útil para qualificar o tipo de atuação de Luria:

[...] temos, na sociedade industrial contemporânea, dois tipos de instrumentos: aqueles feitos em massa para a obtenção de um re-

sultado (um martelo para pregar pregos) e os projetados e feitos por ferramenteiros, especificamente para produzir outros instrumentos. Estes últimos, embora tenham um propósito, não são categoricamente distintos dos resultados obtidos com seu uso, não têm qualquer identidade social pré-fabricada independente dessa atividade, que é quem define o instrumento e o produto. Assim, diferentemente do usuário dos instrumentos da loja de ferramentas, que é orientado pelo comportamento particular de empregar instrumentos feitos para uma função particular predeterminada, o instrumento do ferramenteiro não é nem definido nem predeterminado; antes, está envolvido na atividade tipicamente humana de agir sobre totalidades históricas e modificá-las, noção vigotskiana da função social da investigação científica. Mediante tais considerações, pode-se pensar o pesquisador como um ferramenteiro. (p. 165)

Para nós, os trabalhos de Luria são exemplares nesse sentido. Suas pesquisas são, antes de tudo, exemplos muito inspiradores de um modo vigoroso e inusitado de pesquisar o desenvolvimento e de considerar o caráter histórico, dinâmico, sistêmico e interdependente dos processos sob investigação. Podemos dizer que foi um verdadeiro pesquisador ferramenteiro, já que, preocupado em entender os homens em seu processo real de desenvolvimento em condições determinadas, foi capaz de elaborar instrumentos apropriados para obtenção dos dados que investigou. Luria foi, portanto, um autêntico representante daquilo que Becker (1997) chamou de “artesão intelectual”, construtor de um pequeno lúpulo sobre uma vasta memória? (p. 77) O modo como conseguiu equilibrar doses de criatividade, ousadia e rigor na construção de ferramentas teórico-metodológicas constitui importante legado para o enfrentamento da difícil tarefa de estudar a condição humana.

## Referências bibliográficas

- ARENDT, H. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, R. (Orgs.). **Os instrumentos da história social: Rio de Janeiro**. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRUNER, J. Apresentação. In: LURIA, A. R. **A mente e a memória**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2006.
- COLE, M. Prólogo. In: LURIA, A. R. **Desenvolvimento Cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais**. São Paulo: Dore, 1990.
- \_\_\_\_\_. Introdução: o contexto histórico. In: LURIA, A. R. **A construção da mente**. São Paulo: Icone, 1992.
- COLE, M.; LEVITIN, K.; LURIA, A. R. **The autobiography of Alexander Luria: a dialogue with the making of mind**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

- DOSSE, F. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.
- HOMSKAYA, E. D. **Alexander Romanovich Luria**: a scientific biography. New York: Kluwer Academic; Plenum, 2001.
- LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (4 volumes).
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: Edusp, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- \_\_\_\_\_. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKI, L. S., LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988a.
- \_\_\_\_\_. Vigotskii. In: VIGOTSKI, L. S., LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988b.
- \_\_\_\_\_. **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais. São Paulo: Ícone, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A construção da mente**. São Paulo: Ícone, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A mente e a memória**: um pequeno livro sobre uma vasta memória. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O homem com um mundo estilhaçado**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LURIAM A. R.; YUDOVICH, F. I. **Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- NEWMAN, F.; HOLZMAN, L. **Lev Vygotsky**: cientista revolucionário. São Paulo: Loyola, 2002.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, São Paulo, jan./abr. 2008.
- SACKS, O. Prefácio. In: LURIA, A. R. **O homem com um mundo estilhaçado**. Petrópolis: Vozes, 2008
- VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**: símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Recebido em 18.11.09

Aprovado em 03.02.09

**Marta Kohl de Oliveira**, mestre e doutora em Psicologia da Educação pela Universidade de Stanford e pós-doutora pelo Laboratory of Comparative Human Cognition da Universidade da Califórnia, San Diego, é professora livre docente de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

**Teresa Cristina Rego**, pedagoga (PUC-SP), mestre em História e Filosofia da Educação (FEUSP), doutora em Psicologia da Educação (FEUSP), pós-doutora pela Universidad Autónoma de Madrid, bolsista produtividade do CNPQ, é professora da graduação e pós-graduação da FEUSP, área de Psicologia da Educação.